



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 027

**EVOLUÇÃO DAS ESTRUTURAS CAMPONESAS E DA
AGRICULTURA NAS ANTILHAS-GUIANA. PONTOS DE
COMPARAÇÃO COM A REGIÃO NORDESTE DO PARÁ-BRASIL**

Rosa Acevedo Marin e Tereza Pontes Ximenes

Belém, Novembro de 1994

EVOLUÇÃO DAS ESTRUTURAS CAMPONESAS E DA AGRICULTURA NAS ANTILHAS-GUIANA. PONTOS DE COMPARAÇÃO COM A REGIÃO NORDESTE O PARÁ-BRASIL

Rosa Acevedo Marin e Tereza Pontes Ximenes

Resumo:

O interesse deste trabalho é pontuar algumas comparações sobre as características das estruturas camponesas e da agricultura no Trópico. Originalmente essas estruturas se expandiram no período de crise do sistema colonial, resultam; pois de um processo gradual de destruição da plantation e de superação das relações de produção escravistas. No presente artigo busca-se a possibilidade de aproximação comparativa da evolução das estruturas camponesas e da agricultura nas Antilhas-Guiana e Nordeste do Pará, traçando os percursos destas formas sociais e a situação na atualidade. Existe então uma problemática comum, pois trata-se de regiões de agricultura camponesa sustentável mas que entraram em fase de enfraquecimento. A crise profunda prolongada no interior dessas economias agrárias procede de pressões e da dependência externa, mas também dos seus limites internos.

Palavras-chaves: Campesinato. Antilhas-Guiana. Nordeste Paraense.

O projeto colonizador europeu concebeu a agricultura para as terras conquistadas e nestas o modelo adotado para responder às necessidades do mercado externo foi a *plantation*, sistema que representa a organização social e econômica baseada na grande propriedade rural, abrangendo inclusive pequenas unidades de produção e mesmo os núcleos de população dependentes dela. Mas a dinâmica da economia mercantil produziu como contraposição as estruturas camponesas, onde predominou a pequena propriedade com base no trabalho livre.

A ordem social após a abolição da escravidão na América colocou em evidência relações sociais do tipo parceria, arrendamento, assalariamento e como dominante, o camponês com acesso à terra e a meios alternativos de subsistência, que desenvolve uma pequena agricultura, parcialmente independente do sistema opressivo da produção de gêneros para o mercado e sem dependência do trabalho assalariado fixo. No Caribe utiliza-se a denominação de "campesinato reconstituído" para caracterizar o grupo que emerge desse contexto histórico. A economia camponesa na América nasceu da organização e da crise da *plantation*. Mas as evoluções posteriores respondem por uma complexidade econômica e política do sistema mais abrangente.

A partir dos anos setenta, a tendência tem sido a de realizar estudos sócio-históricos dentro de uma perspectiva comparativa da evolução do campesinato e dos sistemas de agricultura da América do Sul e do Caribe. Estes temas relacionam-se com as pesquisas sobre a história da escravidão e das emancipações. A ótica comparativa é renovada com os estudos sobre os sistemas agrários.¹ De fato esse método permite desenvolver uma compreensão mais elaborada das experiências históricas, e neste ponto reafirma o interesse pelas especificidades e elementos de generalização sobre esses sistemas agrários.

Nosso interesse é pontuar algumas comparações sobre as características das estruturas camponesas e da agricultura no Trópico. Originalmente essas estruturas se expandiram no período de crise do sistema colonial, resultam pois de um processo gradual de destruição da *plantation* e de superação das relações de produção escravistas.

Reconstruindo os percursos históricos das Antilhas-Guiana e do nordeste do Pará sobressai como caráter geral o fato de que a expansão da pequena propriedade ocorreu nas fases de crise do sistema da *plantation*. Diferem nas condições de formação do campesinato. Na região Nordeste do Pará foi produto de políticas de colonização mas sobretudo das pressões de migrantes do nordeste do Brasil, que haviam ficado subordinadas à grande propriedade canavieira. O processo de expansão da pequena propriedade procedeu de forças que se situavam, em certo sentido, fora da região, do movimento de trabalhadores livres despossuídos e de ex-escravos. Em Haiti, Guadalupe, Martinica e Guiana Francesa a relação entre crise do sistema de *plantation* e emergência de formas camponesas coloca em

¹ A título de exemplo vale recuperar o tema nas reuniões científicas Internacionais, em eventos realizados na década de oitenta. O mais significativo resulta da execução de projetos de pesquisa pluridisciplinares que admitem como ponto de partida diferentes realidades agrárias do Caribe, América e outras partes dos sistemas variados das zonas tropicais, com evolução comparável. A história agrária é um dos eixos da pesquisa desenvolvida pela Université Antilles Guyane - Développement Agricoles-Caraïbe para essa região, prevendo levantar alternativas de desenvolvimento. (Ver série de trabalhos em *Agricultures Paysannes et Développement/ Caraïbe, Amérique Tropical*, e outras publicações recentes do Grupo de Recherche/Formation SACAD)

primeiro plano os antigos e recém libertos que conquistaram as terras das plantações decadentes. Numa perspectiva temporal o processo de expansão dessas estruturas ocorreu no século passado.

Os antecedentes das sociedades indígenas, o choque provocado pela conquista ibérica e os sistemas de organização social do trabalho também retratam elementos semelhantes. Vários historiadores têm identificado elementos comuns nos sistemas agrários do Caribe e da região norte do Brasil. No tipo de "savoir faire", nas práticas camponesas onde assimilaram as invenções culturais da Amazônia indígena e os aportes africanos e europeus.

A reflexão sobre essas semelhanças e diferenças é importante para reconhecer o mundo camponês que nasce da liberdade à revelia do sistema econômico mas necessariamente inserido em relações de mercado e em situação subordinada.

A aproximação da sociedade agrária das Antilhas Guiana e da América Tropical permite conferir problemas semelhantes: as destruições e limites do meio agrícola, provenientes das formas de exploração intensiva do passado; as estruturas extorsivas do mercado, a rigidez dos regimes de apropriação da terra e a relação subordinada da agricultura camponesa aos modelos de desenvolvimento. Estes encontram-se igualmente no relativo as formas de produção, no tipo de confronto derivado da integração ao mercado, nas barreiras para exercer controle sobre a terra, nas relações de trabalho.

No presente artigo busca-se a possibilidade de aproximação comparativa da evolução das estruturas camponesas e da agricultura nas Antilhas-Guiana e Nordeste do Pará, traçando os percursos destas forma sociais e a situação na atualidade. Existe uma problemática comum pois trata-se de regiões de agricultura camponesa sustentável mas que entraram em fase de enfraquecimento. A crise profunda prolongada no interior dessas economias agrárias procede de pressões e da dependência externa mas também dos seus limites internos.

Não obstante as tentativas de quebrar a hegemonia da cana de açúcar nas Grandes Antillas encontraram-se dificuldades para estabelecer uma economia agrícola diversificada e suficiente. O mundo camponês das Antilhas Guiana enfrenta limitações diversas para desenvolver esse modelo. Isto explica-se em parte por determinantes históricas. A exploração intensiva das terras, no passado, provocou alterações que hoje afetam a atividade. No caso de Haiti, bastante crítico, havia uma cobertura forestal variada na sua composição e fisionomia que foi profundamente degradada. O potencial agrícola das terras baixas e das encostas depende da mobilização de um savoir faire e em especial de recursos financeiros elevados, praticamente indisponíveis. O desenvolvimento da agricultura conta com recursos humanos, Haiti tem a densidade mais elevada dos países da região (238,6 h/km²) sendo que somente 28% da população vive em cidades. No país a dificuldade maior esta na hierarquização do médio rural, produto da desigual distribuição da terra que se opera a partir da propriedade fundiária, do controle do dinheiro e da mão de obra, assalariada ou não, por grupos de proprietários e ainda pela intervenção de grupos ligados ao comércio e à exportação.

Na Martinica encontram-se solos férteis mas a floresta densa de tipo tropical foi inteiramente destruída pela monocultura intensiva. A ilha não exporta mais açúcar entretanto o sistema de produção herdado da colônia resiste à sua substituição. O PIB da agricultura foi em 1988 de 6,4%, e

apenas 7,7% da população ativa está ocupada nesse setor. As tentativas de diversificação da agricultura estão vinculadas as possibilidades de mercado e de renovação dos grupos de agricultores.

A Guadalupe possui boas terras, que se estendem sobre 55% da superfície do arquipélago. A agricultura ocupa apenas 7,1% da população ativa. A população rural eleva-se a 58,2%. A situação econômica apresenta-se inferior à Martinica, com problemas antigos nas plantações bananeiras. O modelo econômico do arquipélago encontra-se na dependência da política francesa para os DOM que estabelece as condições para a diversificação agrícola com vistas ao mercado, segundo um tipo de pequenas e médias agro-indústrias.

A Guiana Francesa teve um crescimento de 5,79% da população, mas continua com um percentual pequeno de pessoas ocupadas nas atividades diretamente produtivas: na agricultura é de 11,4% e na indústria 20,6%, e o resto em serviço e comércio. Nos três departamentos decresce o pessoal ocupado no setor primário resultando parte das contradições da economia dependente destas unidades. A Guiana desenvolve por força das migrações insulares e continentais diversos subsistemas agrários em regiões pressionadas por essa ocupação recente. A agricultura mostra um mosaico de formas camponesas na região do Mana, embora as políticas s tenham dificuldades para absorver a diversidade das unidades de produção.

O nordeste do Pará² foi o centro de políticas de colonização do século XIX. Apresenta terras cansadas, com limites para suportar uma população . O campesinato mais antigo do Estado concentra-se nesta zona cujas atividades econômicas (agricultura, pesca) sempre estiveram voltadas para o mercado regional com a produção de farinha de mandioca, de tabaco. O fato de revelar uma situação de decadência, certamente indica as pressões externas, tais como o preço do produto, as trocas desiguais, a valorização das terras e sua aquisição por grupos urbanos ou por empresas agro-industriais. Internamente enfrenta a pressão demográfica, a degradação das condições de produção e a falta de condições para aumentar sua produtividade.

Sobre estas realidades encontra-se uma literatura histórica, econômica e sociológica importante que sugere as proposições para estudos comparativos. Primeiro sobre as mudanças ocorridas nas diversas sociedades agrárias do Caribe e da América Tropical. Os dados censitários indicam uma tendência demográfica progressiva de transferência setorial do pessoal ocupado na agricultura para os serviços e a indústria. Também se verifica uma diminuição gradual da importância da agricultura no produto interno regional e nacional. O segundo aponta para as pressões modernizadoras que agem sobre as economias camponesas de maneira a torná-las mais competitivas; com produção especializada, orientada para mercados locais e/ou externos, embora se encontrem muito marginalizadas das decisões governamentais a propósito de financiamento, de preços dos produtos para o setor , de distribuição das terras e de expansão de serviços técnicos ou de programas sociais. O

² A região nordeste do Pará é formada pelas zonas fisiográficas de Guajarina, Salgado e Bragançina, correspondendo a uma superfície de 590.402 Km² considerando os dados estatísticos de 1950. A divisão em microrregiões de 1980, insere somente na Bragançina 14 municípios, correspondendo a uma área de 11636 km² e 348.431 habitantes. A reconstrução da ocupação mostra a presença de índios Caeté onde implantou-se uma missão jesuíta . A antiga vila de Caeté recebeu em 1756 o nome de Bragança e foi palco dos ensaios de colonização do século XVIII e XIX. A população em 1950 era de 432 967 habitantes e para 1990 estimou-se em 323 756 habitantes.

terceiro nível de reflexão diz respeito às condições econômicas e sociais desse segmento, comparando a renda dos agricultores; os produtos e mercados; as situações em relação à terra, a diferenciação interna. Finalmente, sistematizar os diversos "savoir faire" e as resistências dos camponeses ante esquemas de exclusão e de dominação.

O exercício de comparação orienta-se por uma visão das mudanças e das estruturas que permanecem nestas realidades agrárias, das condições existentes ou não para estabilização do campesinato. Estas provêm de forças econômicas e políticas dominantes sobre estas economias, que resistem à desestruturação. As estruturas camponesas passam a adaptar-se a conjunturas econômicas, políticas, e inclusive enfrentando fortes limitações ecológicas. No seu interior coexistem diferentes modelos organizados e práticas. Trata-se, pois de apresentar sinteticamente alguns pontos do debate sobre a situação do campesinato nesta região.

Economia Camponesa no Caribe e na América Tropical: Percursos de Formação

A gênese da agricultura nas sociedades indígenas tem sido estabelecida com relativa unanimidade, embora para a Amazônia, a maior extensão da América Tropical, a teoria ambiental do desenvolvimento cultural tenha obscurecido as inovações e os avanços culturais que contribuíram para a agricultura intensiva e os processos sequenciais de ocupação humana. De uma parte este tipo de enfoque afirmou as influências de migrações e de invasões provenientes do exterior e de outro, atribuiu ao ambiente condições limitantes do crescimento populacional. Recentemente, a pesquisa arqueológica tem aportado indícios, para rever e levantar as sequências culturais da ocupação da Amazônia indígena. Essa sequência indica a difusão da ocupação e as transições de sistemas de caçadores coletores nômades nas várzeas, no final do Pleistoceno. As manifestações de ocupação sedentária com horticultura e cerâmica ocorreram durante o Holoceno. No período pré-histórico tardio, nas mesmas áreas de várzea formaram-se sociedades indígenas de complexidade cultural e de densidade populacional importante. Nestes espaços encontram-se solos aluvionais adequados para o cultivo de plantas e elevada quantidade de biomassa aproveitável, com vantagens, para o suporte de grupos humanos, portanto seriam comparativamente mais favoráveis que a zona andina. Confirma-se também que nas terras baixas do Amazonas floresceram culturas com base significativa (Roosevelt, 1992: 51-56).

Desde as costas amazônicas processaram-se durante vários séculos migrações milenárias de grupos Arawaks que pensando pelas Pequenas Antilhas chegaram a Ayiti (Haiti). As Grandes e Pequenas Antilhas receberam grupos provenientes também da parte central do vale amazônico. Estes no século XII haviam realizado adaptações importantes na agricultura que lhe permitiram suportar a pressão demográfica. Na floresta amazônica tinham a prática *de défricher par le feu et de mettre en culture une portion de la forêt. En suite ils cultivèrent ses sols pendant deux ou trois ans. Ils l'abandonnerent au recru forestier de façon a éviter la pression parasitaire et la baisse des ressources minerales que réduissent les rendiments, mais surtout la reprise vigoureuse des adventices. Dans ses cultives dominèrent les associations des cultives. Plusieurs diversités de manioc; l'arachide, le tabac; les haricots; le maïs; l'igname composent ses systèmes agricoles.* No novo ambiente introduziram a maior parte destas espécies viveres, organizaram e regularam uma economia

diversificada com base em sistemas de cultura performantes e constituíram um estado centralizador potente (Marcel D'Ans, 1987,31-37).

O percurso histórico da formação da agricultura camponesa da região Caribe e da América Tropical indica claramente a permanência, vitalidade e dominância desses traços nas práticas dos camponeses na atualidade. As contribuições de africanos e de europeus complexificam esses traços que constituem o mosaico da agricultura tropical. No século XVI, o choque que constitui a colonização europeia fez desabar rapidamente essa economia e a organização social edificada. A demonstração mais brutal foi a queda demográfica, entretanto diversas práticas culturais conseguiram reproduzir-se e são os elementos que identificam os campesinatos regionais e os diversos sistemas agrários. Não resta dúvida que, o campo da história dos sistemas agrários e da evolução da agricultura na América é importante, entre outras razões por permitir entender os modelos e os pressupostos das práticas camponesas (Houbon, 1993). Dai entender-se que sejam igualmente portadores de soluções ante a crise.

Nessa perspectiva de aproximar os modelos e os pressupostos de práticas camponesas que se podem estabelecer elementos de comparação. Trata-se de levantar para cada realidade agrária, aquilo que constitui o modo local de realização das características gerais do camponês e suas práticas, como forma de inventário fecundo das trocas e das inovações das sociedades agrária do Caribe e da América Tropical, dos tipos de cultivos, das técnicas, das racionalidades e dos limites encontrados.

A história mostra que foram organizadas e moldadas pelo mercado. O capital mercantil destruiu, parcial ou completamente, as formas precedentes. No "Novo Mundo Tropical" cria-se uma sociedade agrária pelo e para o mercado. Com a penetração das regras do mercado soldaram-se os vínculos de subordinação dos camponeses, não indígenas da América Tropical e do Caribe. Este caráter se mantém como essencial (Pillot, 1993:284).

Na bacia Amazônica, a promoção da agricultura durante o século XVIII realizou-se na parte oriental e nas proximidades de Belém e de São Luis. Nos arredores dessas cidades expandiu-se o cultivo do algodão e em menor quantidade de açúcar, tabaco e café contando com a força de trabalho de indígenas provenientes das aldeias e com participação crescente de trabalho escravo de origem africana. Maior quantidade de gêneros s exportados permitiam aos colonos portugueses a aquisição de escravos, através do tráfico controlado pela Coroa e auspiciado pela Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão. A política de subsídios e de isenção de exportações favoreceram a domesticação de algumas espécies. No Maranhão e Pará expandiram-se os cultivos de arroz e de anil. As margens do rio Tocantins, no Para, am floresceram as plantações de cacau, uma delas com mais de trezentos mil pés, antes gênero nativo. Com este novo cultivo buscava-se erradicar a cana de açúcar, então exclusivo das exportações do nordeste brasileiro. Os produtos extrativos competiram com vantagens no mercado das exportações da Amazônia, apesar das autoridades metropolitanas e dos setores mercantis regionais terem forjado o dilema entre ambas as atividades.

A lógica mercantil aviltou a realidade histórica e econômica precedente. As populações indígenas reduzidas deviam especializar-se na produção de especiarias. O sistema de coleta enveredou pela produção de mercadorias sem nenhum vínculo com a nova realidade demográfica, posto que interferissem processos totalmente alheios à transição dos sistemas, antes verificada, da caça e coleta

para os sistemas s. Impôs-se outra produtividade ao trabalho. Procedeu-se a uma profunda intervenção dos ecossistemas, conduzindo a extinção de espécies, à degradação, e em síntese uma exploração alheia à racionalidade da natureza. Duas experiências elucidativas, -primeira, a relação entre a introdução pelos espanhóis de cavalo, do boi e da cabra e a transformação negativa do meio ambiente nas terras cultivadas pelos Tainos, na ilha da Espanhola. Este fato contribuiu para escassez de alimentos e ao aumento da fome, com seu saldo no extermínio dos índios. A segunda, o avanço das expedições extrativas no vale do Tocantins obrigou à migração dos antigos ocupantes ou sua redução à escravidão, enquanto a canela em quase trinta anos (1669-1700) havia desaparecido totalmente das matas. No vale começou posteriormente o cultivo da cana de açúcar e realizou-se a extração e plantio do cacau. Os sistemas agrários "tradicionais" diversificados, sofreram uma profunda ruptura e os novos sistemas organizados em função dos interesses de mercado.

A grande plantação colonial foi dominante, no intervalo entre os séculos XVII e parte do século XIX, entretanto não se constituiu um modelo de produção excludente, embora realizasse à subordinação e desestabilização das unidades camponesas. A agricultura monoexportadora de algodão, cana, cacau, algodão, café e indigo na América concentrou a força de trabalho, de escravos e dos homens livres sujeitos a sua ordem. A concentração das terras para viabilizar a plantação colonial acelerou a desapossamento temporário dos pequenos plantadores como tem sido estudado recentemente pela historiografia. Estes constituíram um apêndice dos empreendimentos agrícolas, utilizando grandes superfícies de terra e voltados para o mercado externo.

Com a crise da plantação acelerou-se rapidamente a crise geral do sistema colonial. Embora este sistema concentras-se os investimentos, as técnicas disponíveis e a força de trabalho, ele enfrentou obstáculos a sua reconstrução provenientes de determinações no seio da divisão do trabalho e mais ainda devido aos agravantes da deterioração ecológica pelo desflorestamento. A vitalidade das estruturas camponesas no século XIX está relacionada a emergência de novas formas de valorização dos solos pela mão de obra familiar; aos movimentos de desfacelamento de grandes plantação, aos aumentos das culturas alimentícias e à ocupação disciplinada por projetos de colonização camponesa feita por agricultores migrantes às terras virgens indiferente aos esquemas legais de apropriação privada.

Sistemas Agrários Comparados: Campesinato no Caribe e na Região Nordeste do Para

A noção de sistemas agrários procede de uma tentativa de esquematização da malha de relações complexas entre grupos sociais e ambientes particulares, onde estes disciplinam formas de provisão, aproveitamento, manejo de recursos naturais e elaboram práticas que se constituem a partir de aprendizado sócio-cultural, realizado ao longo de percursos históricos diversos, da sua existência. Esta noção abrangente destaca-as formas de exploração atribuídas exclusivamente a organizações camponesas do tipo familiar (Pillot 1993:11) e onde podem se estabelecer os elementos componentes, as relações existente entre eles, a racionalidade interna e as dinâmicas que as afetam. A análise das estruturas camponesas não pode prescindir, apesar da sua profunda racionalidade, de considerar as tensões originadas nas relações de produção e de intercâmbio, e igualmente de incorporar as mudanças nas condições de produção ou de degradação destas, como favorecedoras ou

não, da estabilização do grupos no tempo. Esta noção enfrenta questões em relação as categorias de grupo analisadas, de suas práticas e dos sistemas de produção. Os índios Kaxinauas dedicam-se a exploração da borracha e identificam-se como índios seringueiros. Para esta atividade voltam-se também segmentos do campesinato regional -os denominados seringueiros. A dominância da atividade extrativista não inclui necessariamente a lavoura, a criação ou a pesca. Os sistemas agrários caracterizam-se pela diversidade de práticas e de resultados econômicos e este caráter torna ainda mais complexas as relações sociais. O camponês recorre ao trabalho familiar mas em situações específicas contrata a jornada de trabalho ou troca dias de serviço para iniciar um roçado. De uma certa forma corresponde a uma visão ampla dessas estruturas que encontram sua força naqueles esquemas inventados e reapropriados (*savoir faire*) para superar sua fragilidade técnica, econômica e política.

Ensaaiar a comparação dos sistemas agrários leva, inicialmente, proceder ao estabelecimento de corte temporários que ajudem a ordenar percursos e identificar a natureza dos processos históricos. É importante lembrar que a comparação não se furta a realidades e processos políticos diferentes. Os movimentos anticolonialistas e antiesclavagistas nas colônias do Caribe e da América Tropical descrevem etapas e sobretudo apresentam repercussões diferentes no interior de cada sociedade. Pode encontrar-se um elo reestudando como os estados coloniais ou nacionais (caso do Brasil e Haiti) que foram obrigados a buscar alternativas econômicas novas e a redefinir estratégias internas de dominação das classes atraídas pelas idéias de liberdade, de igualdade econômica ou de independência e de abertura de oportunidades para os não metropolitanos. A desestruturação da plantagem liberou força de trabalho que precisava ser reintegrada ao sistema econômico. No lugar dos antigos colonos pobres "brancos, de origem metropolitana" as terras agriculturáveis redistribuíram-se entre um grande grupos de agricultores produto da mestiçagem no interior da ordem escravista colonial.

A economia camponesa está subordinada a pressões do mercado que orientam a especialização. Os agricultores das Pequenas Antilhas diminuem os plantios de cana para cultivar bananas para o mercado europeu. Por essa via são introduzidos modelos tecnológicos, esquemas de competitividade e tipos de consumo. As unidades familiares precisam recompor as formas de organização do trabalho, a relação com as superfícies cultivadas para aumentar a produção e estes mecanismos colocam em marcha processos de diferenciação interna e de hierarquização.

Expansão de Pequenas Explorações s no Nordeste do Estado do Pará

Desde fins do século XVII a agricultura de exportação do Brasil convivia com uma fase critica devido a queda da produção de cana de açúcar, enquanto a economia registrava a elevação das exportações de ouro, entre 1700-1770. No Estado do norte a queda das exportações e a decadência da cultura do cacau submergiram a economia amazônica em um longo período de .retração. No Pará as iniciativas de criação de colônias, após 1757, trouxe imigrantes subvencionados por Portugal, estas tiveram resultados insignificantes. Duas delas foram criadas no território em litígio com a França, as de Macapá e Mazagão, na desembocadura do rio Amazonas. Na região nordeste de Belém, próximo dos antigos aldeamentos missionários fundaram-se Ourem, Bragança e Vigia. Em 1765, a vila de

Bragança tinha menos de mil habitantes, parte deles provenientes de Bissau, de onde vieram para trabalharem nas roças. Em Ourem, situada a margem do rio Guamá plantava-se algodão, arroz; farinha, feijão, milho, café, tabaco e cana de açúcar. Terras boas e outras estéreis por causa dos igapós, pântanos; alagadiços e formigas (saubas). As lavouras eram de pequena dimensão (um quarto de léguas, meio quarto de terras) e havia quem trabalhasse terras foreiras (pagando o foro). Dois caminhos permitiam o acesso a Belém e por onde todos os lavradores enviavam seus produtos ao mercado, alias bastante reduzido. A colonização do século XVIII mostrou uma agricultura estacionária.

Até a época da Independência esta região e o vale do Tocantins perfaziam 22% da população do Estado do Grão Pará, agrupavam os índios aldeados e os escravos. As decadentes produções de cacau e das antigas aldeias missionárias liberavam braços para a produção inserida no mercado regional. No Pará, o arroz, algodão e a mandioca (farinha de mandioca) mantiveram cifras de produção constantes ou verificaram aumentos conjunturais. Estas provinham das áreas de expansão mais próximas dos eixos fluviais. A ocupação progrediu após a lei de Terras de 1850 que destinou para colônias parte do patrimônio do município de Bragança. Em Santa Isabel, instalaram-se; inicialmente, colonos europeus que fundaram bases muito efêmeras. No nordeste do Estado, a agricultura e o campesinato começaram a mostrar uma certa vitalidade e estabilidade relacionada com o início da procura de trabalhadores para a extração da borracha, a partir da expansão da economia gomífera dos anos 1860. A Bragantina destacou-se como zona de agricultura e a comercialização dos seus produtos abasteceram largamente o mercado local e regional no período de auge da produção gomífera. As áreas de mangues, de floresta e de pastagens naturais favoreceram a diversificação da economia de agricultores-pescadores (zona da costa atlântica) e de agricultores com pequenos criatórios, nas áreas de pastos nativos. As combinações de atividade contribuíram para o crescimento da população. Deteve a maior densidade demográfica do Estado e da Amazônia e atualmente ocupa o terceiro lugar em população absoluta, conforme o último censo do Pará.

A integração aos mercados local e regional foi realizada com a construção em 1875 da estrada de ferro de Bragança (283 KM) ligando esta zona à cidade de Belém. O tabaco exportado em parte para o Nordeste e parte beneficiado nas tabaqueiras da cidade foi a força dessa economia, junto com a farinha que até o presente constitui o gênero mais importante da comercialização. Esta vantagem permite que os produtores vendam diretamente o produto, usufruindo das facilidades de vias de comunicação terrestre para transportar a produção aos centros urbanos, organizados com autonomia na "feira do agricultor".

Desde os anos 1950 a Bragantina atravessa uma série de dificuldades derivadas do sistema de apropriação a terra e das condições de exploração. No município de Bragança, conforme pesquisa³ realizada em 82 explorações s encontrou-se que 98% delas tem superfície inferior a 50 ha. Da área cultivada, 94% está plantada com culturas permanentes, dendê e pimenta do reino, ao lado dela encontra-se mandioca (48%), milho (30%) e arroz (23%) e pequenos terrenos destina os

³ MSA KATO, M.N. FREITAS, C;S. DIAS O;R. KATO Caracterisation des systèmes de cultures annuelles dans la circonscription de Bragança Para. In

hortigranjeiros Os problemas colocam-se pelo baixo rendimento das culturas. A produção de arroz é de 600 kg/ha quando no Estado é de 1100 kg/ha. A mandioca mostrou crescimento da produção por ampliação da superfície cultivada. Aliás em relação a esse cultivo encontram-se diversos conhecimentos reproduzidos ao longo de gerações, quanto ao espaçamento e aos tipos de associação. A agricultura tem baixo nível de absorção de técnicas e pouca utilização de práticas de fertilização. A intensidade da exploração em superfícies rapidamente desprovidas de florestas ocasiona a degradação dos solos, entretanto o problema não pode ser atribuído ao sistema de cultura ou a pobreza do solo mais a forma como esse campesinato, excluído de financiamento, da assistência técnica e de alternativas de trabalho pode manter em produção pequenos terrenos.

O fato de camponês ser proprietário ou posseiro influencia na decisão do que plantar e na organização do trabalho. A pimenta do reino e o dendê requerem capital intensivo. Estes tem mostrado crescimento na estatística regional, mas a limitação coloca-se no tocante ao financiamento dos agricultores pois este depende de garantias definida pela situação legal de proprietário da terra. Para 1980, no município de Bragança foram cadastrados 8160 estabelecimentos. Destes 3894 (47%) foram identificados como de ocupantes, correspondendo a 30% da área total. É importante indicar o crescimento da categoria de ocupantes: entre 1970 e 1980, estes passaram de 2864 para 3894, e deste grupo 46% detém menos de cinco hectares.

A diversidade do sistema agrário fomenta, em contrapartida maiores necessidades de mão-de-obra. A mandioca é comercializada na forma de farinha em todas as épocas do ano. O cultivo e o beneficiamento da mandioca empregam grande quantidade de jornadas de trabalho familiar. Este dispêndio não tem correspondência com o preço de venda do produto. As mudanças internas nas unidades familiares são aceleradas com a migração e o aumento de trabalho assalariado entre os jovens, o que torna ainda mais aguda e complexa a crise desse segmento camponês. As tensões sociais são crescentes inserindo-se a Bragantina no quadro de conflitos agrários do Estado.

Haiti: Formação das Estruturas Camponesas

Após a destruição do estado centralizado dos Taynos pelos espanhóis e com isto a decadência da agricultura indígena nos territórios retirados do seu controle, destaca-se o curto período de surgimento do tabaco com a sedentarização parcial dos bucaneiros e filisbuteiros (1674-1685). As interdições a esse cultivo acompanharam-se da liberação e do favorecimento dos plantios de índigo e de cana de açúcar. As diferentes culturas industriais desenvolvidas na ilha Espanhola entre 1690-1790 não permite a caracterização de monoculturas, incluindo uma produção de alimentos importante mantida pelos escravos. O rocou e o índigo, este consorciado com o algodão, foram plantados em terrenos não adequados à cana de açúcar. Os dois primeiros respondiam aos interesses do capital mercantil de Nantes; Bordeaux e La Rochele O índigo provocou uma revolução nos sistemas de cultura por suas exigências de fixação dos agricultores no conjunto das instalações.

A era da plantação escravagista na ilha, dedicada à produção de cana de açúcar, ocorreu após 1700. Os capitais holandeses investidos no nordeste do Brasil na canavicultura retiraram-se para Martinica e Guadalupe (1680) expandindo as técnicas desse cultivo no Caribe. O efeito em São Domingo foi o aumento do preço das terras, o que excluía ainda mais os pequenos plantadores sem

condições de instalar habitations sucrieres. No lugar das plantações de cana desenvolveu-se uma economia mista que progressivamente cedeu importância as culturas alimentícias.

Depois da Independência do Haiti o sistema camponês retoma como cultura o café acessível para os menos capitalizados e que foi integrado pelo grupo de libertos, em especial os mulatos. O café plantava-se com o inhame e batatas para proteger o solo. Pillot resalta a característica de cultivo: anual e polivalente, o que favorecia as tarefas do escravo no curso do ano. O algodão que havia sido abandonado pela cana de açúcar foi retomado na metade do século XVIII, quando a colônia começou a dar sinais de fragilidade e enfrentava a insegurança política pela Guerra de Independência americana (1778). A intensificação do trabalho nas habitations acompanhou o aumento das fugas de escravos que se dedicam a agricultura. Significam essas unidades organizadas pelos escravos fugitivos a contra-plantation, a reestruturação camponesa com base na policultura desenvolvida nos "pequenos jardins". Esse movimento de formação do campesinato ampliou-se com a Independência.

A crise social que se instalou na ilha no período da revolução contribuiu para a transferência das propriedades a novas mãos, favorecendo os antigos e novos libertos, valendo-se do sistema *portionnaire*.⁴ A questão agrária que se desenrola entre 1797-1801 é fortemente influenciada pela insatisfação com esse sistema opressivo e a rebeldia dos homens livres a submeterem-se as antigas relações de trabalho no campo. Desse período nascem as formas de produção familiar dos que resistiram ao sistema *portionnaire*. A agricultura de exportação das planícies decaiu bruscamente. Na área montanhosa o cultivo de alimentos e de produtos de exportação (café) conseguiram manter o ritmo.

A política agrária de Dessalines favoreceu a redistribuição da terra entre os antigos escravos mesmo, sem retirar os privilégios da aristocracia mulata do sul. A divisão Norte (sucareiro) e sul (cafeeiro) enfrentam de forma diferente a falta de mão de obra. As novas condições agiram, de um lado, impedindo a reconstrução da grande plantação e de outro favorecendo a emergência de novas formas de propriedade do solo e de novos modelos de exploração pela mão-de-obra livre. Estes trabalhadores realizam uma agricultura itinerante nos encostas boisés des mornes e continuaram a coletar o café nas plantações mais ou menos abandonadas. Enquanto a aristocracia continuou a procurar alternativas nos sistemas de ateliers no *metayage*; *fermage* ou por venda das propriedades do domínio nacional. O sistema de ateliers foi substituído pela *metayage* que dava liberdade para alocar seu tempo de trabalho. O baixo preço da terra facilitou a extensão das pequenas propriedades e estes utilizavam suas economias para esse fim. E esta a origem do controle fundiário pelas famílias este se manteve indivisível e estruturou o "lakou paysan" (residência, unidade de produção e de trocas, fundado sobre o ancestral fundador da casa). A vitalidade das estruturas camponesas favorece o crescimento demográfico do século XIX, chegando a triplicar a população no campo. O campesinato en effet racheter a l'oligarchie plus de la moitié du territoire cultive mais ela não conseguiu liberar-se dos litígios fundiários que se multiplicaram com a pressão sobre a terra com efeitos na

⁴ As autoridades coloniais pelo decreto 1773-1794 estabeleceram um estatuto especial "os cultivadores *portionnaires*, uma "sorte de servage des Nègres ... attachés à la propriété et toujours astreintes au dur régime de l'atelier / engagement annuel du cultivateur sur l'habitation, réglementation sévère du travail, remunération par attribution du quart du produit de l'habitation à l'ensemble de la main d'oeuvre" (PILLOT, 1993, Tome I, 105)

descapitalização dessa categoria e ainda parte de suas poupanças lhe era extraído na forma de renda da terra.

A política econômica favoreceu a oligarquia e o capital estrangeiro excluindo os camponeses e isto contribuiu para a virada do final do século passado quando a grande exploração de exportação foi relançada. O retorno dos grandes proprietários de terras entre 1885 -1905 foi favorecido com as políticas liberais. O café, o cacau e frutas são os ramos favorecidos pelas concessões do Estado. Essa fase foi seguida da expansão do capital americano, com barreiras para desenvolver-se na agricultura pelos freios que colocava o regime fundiário, embora provocasse perturbações graves na economia camponesa. No Norte e nordeste o desenvolvimento da cultura do sisal se acompanhou de desapropriações e as terras férteis foram retiradas da produção de alimentos. O desenvolvimento das culturas de exportação precisou enquadrar os pequenos agricultores o que foi feito com a intervenção do Estado criando programas especiais como o Serviço Técnico da Agricultura (1823) Nestes também inseriu-se o ramo de gêneros alimentícios para suprir o mercado interno, visando a substituição das importações. Significou introduzir novas variedades de mais, de arroz. Desse período retém-se o recuo da economia camponesa de regiões onde havia sido fragilmente implantada na plaine e no Norte do país. No anos 1920 os agricultores migravam para Cuba e Republica Dominicana onde o capital americano havia encontrado condições de implantação nos cultivos da cana. O denominado "sucre amer" traduz as condições e o regime de trabalho que milhares de trabalhadores haitianos viveram e que ainda persistem nas plantações de cana do capital americano no país vizinho.

Pillot (1993,t. I: 203) destaca uma nova fase denominando-la de "era dos projetos". Esta chegou a produzir melhorias na produtividade , no caso das obras de irrigação mas que, na forma de renda fundiária é retida pelos grupos dominantes. Desta maneira não refletiu mudanças para os camponês que continuaram presos entre os discursos populistas e nacionalistas ou experimentam o estrangulamento por parte da oligarquia tradicional. A reflexão sobre a realidade camponesa, pilar da realidade da agricultura no Haiti é extremamente complexa. Os camponeses estão resolvidos a manter-se na agricultura mais experimentam profundamente a crise que afeta essa economia na atualidade.⁵

Ao examinar a agricultura de Haiti comparada com o caso da Bragantina pode parecer uma redução desproporcional. No primeiro, trata-se de uma realidade agraria que atinge diretamente mais de quatro milhões de pessoas que vivem fora das cidades. Enquanto representa três milhões de empregados na agricultura, ocupando 75% da população ativa do país 75%. Representa ainda agricultura 30% do PIB. Essas cifras não revelam a trajetória de declínio marcada desde a década de 70, quando esta empregava 90% da população de mais de 15 anos. Também o PIB teve uma redução

⁵ Essa economia segundo o autor se constitui de um jogo interativo de quatro fatores: 1) a extrema diversidade do meio natural; os climas e solos onde desenvolvem sua atividade esses agricultores, necessarios a considerar em qualquer ação de desenvolvimento; 2) as relacoes de distribuição e de intercambio que aboutisent à ponctionner la produção agrícola de façon pèssante eu egard au niveau de production et de revenu; 3) uma inseguridade marcada da possessao da terra para a mioria dos pequenos explotantes, o que paralisa os investimentos; o melhoramento da produtividade e da conservação do meio e 4) o fraco nível de desenvolvimento dos meios de produção dos seus explotantes; tendo por consecuencia uma fraca produtividade do solo e do trabalho.

de um terço e houve queda de 80 milhões de dólares das exportações agrárias do país. As variações do preço das exportações de café, frutas pesam muito no balanço geral da economia nacional.

Entretanto, o lado fecundo deste estudo encontra-se em levantar as possibilidades de aproximação de tais realidades agrárias. No Haiti, a exploração familiar domina, desde mais de um século, semelhante portanto a Bragantina. Encarando a crise atual de ambos sistemas agrários pudesse indicar o peso que tem a insegurança nos modos de apropriação da terra e o fraco nível de equipamentos em meios de produção

Sob outro angulo observa-se que nestes dois sistemas agrários as pequenas explorações de tipo familiar são predominantes. A Bragantina especializou-se na produção de farinha para o mercado local e de dendê e pimenta para exportação. O problema radica nas forças desequilibradoras; como se viu 49% das superfícies foram ocupadas por estes gêneros permanentes. Também a partir dessa destinação apresentam-se possibilidades de aumento de terras sob controle de um pequeno grupo de camponeses e de pequenas e medias empresas. Pillot menciona em relação a economia camponesa haitiana a tendência a manutenção do equilíbrio entre les vivres alimentaires, *qui ont presque toujours eu le pas en terme de superficie cultive, il s'est neanmoins trouve au cours des années des periodes de resurgence de la grande exploitation. Des tentatives de repetées d'introduire ce dernier modele dans les filieres agroexportatrices (sisal, ananas; hevea,)* E importante perceber que as adaptações e a evolução econômica e social da pequena exploração camponesa responde a fortes imposições externas, a constraints macroeconômicos e as características dos meios explorados. Nessa evolução revela fases de prosperidade e capacidade para cumprir o papel de supridora de mercados urbanos locais e de mercados externos, portadores de restrições e de forças reguladoras. Inclui-se também o funcionamento como supridora de mão-de-obra em regimes de trabalho de coerção física próximos da escravidão.

Guadaloupe, Martinique e Guyana Francesa: fragilidade da economia

Com as migrações milenares dos Arawaks nas Pequenas Antilhas estabeleceram assentamentos populacionais estáveis que foram empurrados da região durante a penetração dos Caribes, na entrada do século VIII. Inicialmente, em Guadalupe o povoamento e a valorização de Grands Fonds de la Grand Terre ocorreram durante a Era Caribe. Foi area refugio do grupo Caribe contra as investidas dos colonos e posteriormente dos escravos fugitivos. No período colonial, desde o inicio do século XVIII e expandiu-se a economia açucareira. Este cultivo dominante nas habitações foi feita com base em escravos indígenas trazidos da Amazônia e vendidos nas Antilhas, mais maiormente contou com o trabalho escravo africano. Nestas zonas os novos moradores abriram os roçados de mandioca amarga e fabricaram seus subprodutos; no que se assemelham aos habitantes da região amazônica. Esta constitui em herança comum dos Arawak e Caribe, que Mattioni denominou "cultura da mandioca". Os colonos adotaram o jardim Caribe e começaram a fazer cultivos de tabaco em Guadalupe.

Nas Antilhas francesas igualmente endaiaram-se o índigo; o algodão e gengibre. Estas culturas não desapareceram mesmo apos a penetração crescente da cana de açúcar; por volta de 1650. O crescimento da economia açucareira permitiu a entrada na Martinica de 2642 escravos e 2489 brancos

e com sua expansão por volta de 1685 habia na ilha 185 moinhos de açúcar e neles foram recenseados 10343 escravos. Guadalupe na sua fase de prosperidade chegou a ter 6323 escravos nesta produção (Schnakenboug)

O declínio da plantação e a formação da economia camponesa vai favorecer a categoria dos mulatos livres. Estes cultivavam o café na Guadalupe em terras pequenas e praticavam a criação de algumas cabeças de gado.

Guadalupe, Martinica e Guiana tem em comum o passado colonial e o status administrativo de Departamento Frances. Da primeira fase compartilham como Haiti de formação dominante de uma economia de plantação. Guadalupe e Martinica, mostram diferenças pois estes dois domínios franceses responderam com vantagens ao projeto colonial. Na Guiana Francesa, a colonização foi uma empresa difícil, uma experiência apresentada pelos administradores coloniais e ainda no presente como cheia de insucessos, permanecendo com escassa população e baixa produção .

No presente, Guadalupe e Martinica mostram desenvolvimento de culturas comerciais (cana de açúcar e banana) que marcam profundamente a economia e suas relações com o mercado externo. Destacam-se ainda pelo fato de serem bastante povoadas e pela forma como é atingida a agricultura pela crise, com forte diminuição da contribuição desta atividade para formação do produto interno bruto e do pessoal ocupado no setor. A terceirização da economia impulsionada pela importância do ramo turístico tem contribuído para o declínio da agricultura.

Nos três departamentos a população economicamente ativa ocupada na agricultura é reduzida. Na Guadalupe e na Martinica teve declínio, de quase 11%, em 1986. Registra-se novamente descenso, chegando a menos de 8%, em 1993. Nesse ano, a Guiana Francesa detém 11,4% da população ativa inserida no setor .

A economia agrária é dominada pelos pequenos estabelecimentos s? Na Martinica a população familiar era em 1973 de 124976 pessoas e baixou em 1989 para 60.800. Considerando os estabelecimentos confere-se que diminuem em numero e em superfície. Em ambas ilhas, o grupo com menos de 1 ha soma um total 19289 estabelecimentos. Na Martinique estes representavam 67% do conjunto, também nela encontra-se um numero maior de estabelecimentos com mais de 50 ha. Domina nesta ilha o pequeno estabelecimento embora entre 1981 e 1986 caíram de 13211 para 6216 dos que detêm menos de uma hectare. Isto reflete uma redistribuição, a favor de estabelecimentos médios com area entre 5 a 20 ha.

Em 1986, na Guadalupe os estabelecimentos com menos de 5 ha detinham quase a metade da superfície utilizada, enquanto na Martinica ocupavam 33% do território. Em ambos departamentos domina a distribuição dos estabelecimento segundo o mode de faire-valoir direct. (65% de la SAU na Martinique e 53% em Guadalupe). Um dos problemas da economia em ambas ilhas é o preço elevado das terras.

As exportações das duas ilhas são banana, rum e açúcar. A degradação da economia açúcareira de Guadalupe é muito marcada mesmo que relativamente recente, dos anos 1960 ate o presente. A banana apresenta-se como o cultivo que avança mais rápido nas terras cultivadas e o mais importante nas exportações.

Na Martinica a diversificação é procurada através do cultivo de frutas (ananas, goiaba, abacate) e de flores incide pouco, até o presente, no total da superfície cultivada. Somente a superfície cultivadas com flores que duplicou nos últimos vinte anos, contrariando a tendência general a diminuição.

Espaço das Antilhas Francesas

	Superfície Total Km	Terras arables ha	S A U ha		Superfície plantada	
			1986	1989	1986 - banana	1989 cana
Guadeloupe	1705	29600	58550		8290	
Martinique	1080	19590	42588 36600		7670 2950	7200 3000

SAU - Superfície utilizada inclui as terras lavoraveis; de pastos; de jacheres e outras culturas permanentes

Os estudos sobre a economia agrícola das Antilhas francesas revela uma série de problemas que fragilizam especialmente o segmento camponês. Esse tipo de agricultura encontra-se sob a pressão modernizadora imposta pela forte relação com os mercados. Em primeiro lugar este tende a manter a especialização (fruta e cana de açúcar). Segundo este fato aumenta, por sua vez a concorrência interna entre as unidades (pequenas explorações e unidades agroindustriais medias e pequenas) por mão-de-obra. Verifica-se a diferencia de salários que pesam no mercado de trabalho agrícola do arquipélago. A exemplo do custo na ilha Dominique, onde o salário hora é de 5,80 francos enquanto em Martinica é de 24 francos mais os encargos salariais. A tendência tem sido de elevação dos custos de produção em razão de aumento de preços dos materiais agrícolas. A produção agrícola das Antillas experimenta forte concorrência externa. As medidas protetoras através de financiamentos e de relações de mercado tem caráter provisório

Esse quadro critico agrava-se ainda com os derivados de um equilíbrio ecológico que se mantém frágil e instável. A agricultura nestas ilhas acumulou poucas soluções efetivas para problemas agrônômicos (pragas, empobrecimento de solos) Outros provem das calamidades naturais muitas vezes com destruição dos espaços agrícolas. ou por limitações verificadas pelo relevo, estado dos solos e perda da cobertura florestal dificulta que desestimulam fortemente a pratica da agricultura.

As migrações recentes de agricultores de Haiti; de Surinam e do rio Maroni que se mobilizam pelas perspectivas de desenvolvimento agrícola e florestas da região de Mana ⁶aumentam a complexidade e diversidade da agricultura camponesa da Guyana Francesa, esta agricultura expressa formas novas e ocupação do espaço. Esta onda nova se encontra com as ocupações ameríndias dos

⁶ A região de Mana corresponde a uma situada ao Noroeste da Guyana que se estende sobre 5 000 km e é uma das regiões menos povoadas com 7000 habitantes. O artigo de Garganta E. Formes de Activites Agricoles à Mana expoe as lihas mais importantes dos soubstistemas agrários de Mana. Aponta brevemente as diferencias entre os agricultores e as relações de dominação entre grupos (tipo creoles/haitianos ou hmong/bushi nengue) proveniente da precariedade do estatuto (civil, foncier) que estabelece hierarquias e situações de inferioridade de uns em relação aos outros.

fins do século X, dos Bushi Mengal; dos escravos que abandonaram as plantações do século XVII, ou dos creoles que desde o século XIX asseguraram parte desse território. A agricultura dos indígenas, Hmong; Bushinengue, de haitianos e de Creoles, dos Surinamiens e dos Ocidentalizados formam o rico mosaico dos subsistemas agrários desta região da Guyana, e que mostra a diversidade e complementariedade dos sistemas agrários.

O marco general onde se move a economia camponesa da Guyana caracteriza-se pela estreitez do mercado, por uma política agrícola que incide de forma diferenciada sobre as varias regiões agrícolas. No caso da região oeste esse tipo de apoio necessita levar em conta sua diversidade e as redes já existentes, como escreve Garganta. (Garganta, 1988, 179) Nesta se desenvolvem estruturas camponesas originais.

A tentativa de comparação das estruturas camponesas e dos sistemas agrários desta realidade agrária permite a aproximação no tocante aos elementos seguintes: Elemento	Nordeste/ Para	Haiti	Guadaloupe	Martinique	Guyana Francesa
Domínio da pequena propriedade e da pequena explotacióni	+	+	+	+	+
Produção para o mercado	+	+	+	+	+
Diminuição potencial agrônômico/ Degradação das terras	+	+	-	+	-
Condições econômicas desfavoráveis	+	+	-	-	-
Domínio de culturas alimentícias	+	+	-	-	+
Pressões demográficas	+	+	-	-	-
Sistemas de produção diversificados	+	+	-	-	+
Força de trabalho familiar	+	+	-	-	+
Dificuldades de produtividade	+	+	+	+	+

Campeiros: Savoir Faire e Resistência a Dominação

Entre os diferentes campos de observação das sociedades do Caribe e da América Tropical é importante retomar o do campesinato e da agricultura. Primeiro o campesinato constitui um

percentual elevado da população em algumas regiões (Amazônia) ou países (Haiti). Ainda que as mudanças econômicas e os dados favorecem o mundo urbano, as raízes agrário-camponesas continuam sendo fortes. Ainda é importante destacar que a discussão a propósito da crise econômica e ecológica em boa parte dessa área das Antilhas Guiana e da Amazônia impõe considerar as questões fundiárias e agrárias. Na atualidade, novamente; é importante pensar e encontrar as vias possíveis para o desenvolvimento rural. Nesse sentido, para avançar as realidades agrárias desses países precisam ser submetidas a crítica, respondendo inicialmente sobre o peso que tem o passado colonial-esclavista nas problemáticas agrárias contemporâneas.

As questões sobre o campesinato colocam-se num campo fortemente político e politizado. As relações sociais ainda são marcadas pela recenticidade das formas escravistas e as dificuldades para mudar as mentalidades e as ideias que persistem sobre os ranços senhoriais e oligárquicos. Depois de mais de um século no Brasil continuam a vigorar formas de trabalho escravo. Em 1992, a Comissão Pastoral da Terra indicava que 16.442 trabalhadores estiveram submetidos a situações de coerção física, sofrendo castigos corporais e com privação de mobilidade em várias regiões do país, e ainda que esse número quase triplicava em relação a 1991. Outro caso bem conhecido é o dos trabalhadores haitianos escravizados nos serviços de corte de cana de açúcar nos países vizinhos que tem sido continuamente denunciada. Mais recentemente as migrações forçadas por motivos político-econômicos os mantêm em situações de degradação social, extremamente penosas nos países da área do Caribe. A sua presença na Guiana Francesa tem contribuído para a retomada da agricultura familiar com a introdução do sistema de policultura nos pequenos jardins, embora tenham dificuldades legais para ter acesso a terra. O passado escravista estabeleceu um elan entre Europa, América e África e este mantém raízes nas sociedades organizadas após a abolição. Este é um ponto semelhante entre as realidades agrárias das Antilhas Guiana e Amazônia. A crise da plantation favoreceu a emergência da economia camponesa. Estas formas de produção se correspondem, no tempo, com a destruição das relações de produção escravistas. O campesinato nasce inserido em relações mercantis e a estas subordinado.

O médio ambiente não foi fator limitante na expansão desse campesinato. Ela encontrou florestas densas, zonas de pesca, áreas para pastoreio e colheita. A densidade populacional aumentou favorecida por essas condições. Embora os grupos camponeses tenham na sua expansão realizado atividades em terras empobrecidas, incorporadas com anterioridade a produção para exportação, conseguiram aplicar métodos de recuperação. A crise da economia camponesa reflete em parte as limitações ecológicas devidas ao desflorestamento e ao empobrecimento que ocasionam uma baixa produtividade dos cultivos. Mas as dificuldades maiores e o enfraquecimento são devidos aos problemas da estrutura fundiária e de comercialização. Destas partem pressões que contribuem a agravar a relação com o meio ambiente e à desagregação das formas camponesas.

Referências:

AGRICULTURES PAYSANNES ET DEVELOPPMENT, *Caraïbe-Amerique Tropicale. Atas do Seminario Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural na Amazônia Oriental. Groupe Recherche/ Formation. SACAD Systèmes Agraires Caraïbeens et Alternatives de Développement.* Université des Antilles et de la Guyane, Point-a-Pitre. 1986, 1990

ANS, André-Marcel d'. *Haïti: Paysage et Société.* Paris, Ed Karthala, 1987. 321p.

ASSOCIATION NATIONALE DES AGRO-PROFESSEURS HAITIENS/ ANDAH/ Institut de Recherche des Methodes de Developpement/ IRAM. *Politiques Agricoles: Haïti. Pour une Politique Agricole Nationale.* Agricultures Paysannes et Développement. Caraïbe-Amerique Tropicale. Groupe de Recherche/Formation. S.A.C.A.D. Systèmes Agraires Caribéens et Alternatives de Développement. Université des Antilles et de la Guyane. Point-à-Pitre, Avril. 1990 (P 28-90)

BURAC, Maurice. *Evolutions des Agricultures et Economies Caribéennes. Le cas des Antilles Françaises.* In : Agricultures Paysannes et Développement Caraïbe-Amérique Tropicale. Actes du Troisième Seminaire International du DAC. Methodologies et Practiques de la Recherche/ Développement. Groupe de Recherche/ Formation. SACAD Systèmes Agraires Caribéens et Alternatives de Développement. Universités des Antilles et de la Guyane. Point-à-Pitre: (P 259-290)

DUMAZ, Bernard. *L'agriculture autour de Basse Terre (Guadeloupe) 1830-1980* INAPG/INRA/CRAAG, 1984 (Tese de doutorat) Tome I, 203 p.

FLAMARION, Ciro. *La Guyane française: 1715-1817 Aspects économiques et sociaux, contribution à l'étude des sociétés esclavagistes d'Amérique.* (Thèse de 3^o siècle), Paris, 1972

INSEE/ Ministère de l'Agriculture et de la Fôret de la Martinique/ARESTE 1988-1989

GARGANTA, Eliana. *Formes des activites agricoles à Mana.* In Agricultures Paysannes et Développement: Caraïbe-Amérique Tropicale. Actes du Troisième Seminaire Internacional du DAC. Methodologie et Practiques de la Recherche/Développement Evolution des Agriculteurs et des Economies Caribéennes. SACAD/ Groupe de Recherche /Formation. SACAD Systèmes Agraires Caribiens et Alternatives de Developpement/Université des Antilles et de la Guyane, Point-à-Pitre, (1991) (P. 169-179)

GOUROU, Pierre. *Terres de bonne espérance le monde Tropical.* PARIS, Ed. Plon, 1982. 435 p.

KATO. M.S.A., FREITAS, M. N. DIAS, C.S. KATO, O;S;R; *Caracterisation des systèmes de cultures annuelles dans la circonscription de Bragança Pará* In Agricultures Paysannes et

Développement: Caraïbe-Amérique Tropicale. SACAD/Groupe de Recherche/Formation. Systèmes Agraires Caribéens et Alternatives de Développement/Université des Antilles et de la Guyane, 1992 (P 191-200)

LAWSON-BODY, Georges. *Processus de Peuplement et de mise en valeur de l'espace vivrier des Grands-Fonds*. In: *Agricultures Paysannes et Développement*. Caraïbe-Amérique Tropicale. Groupe de Recherche/Formation. S.A.C.A.D. Systèmes Agraires Caribéens et Alternatives de Développement. Université des Antilles et de la Guyane. Point-à-Pitre, Avril. 1990 (P 137-157)

L'ETAT DE LA FRANCE . Édition 93-94, Paris, Ed. La Découverte, 1992.

MAM-LAM-FOUCK, Serge. *La Guyane Française du XVII siècle à 1960*. Paris, Ed. Désormeaux, 1982. 188 p.

MATTIONI, M. *Le Crépuscule Indien*. In: PLUCHON, Pierre. *Histoire des Antilles et de la Guyane*. Toulouse, Ed: Eduard Privat; 1982, (P. 33-45)

MENDRAS, Henri. *La fin des Paysans*. Paris, BABEL 1984, 437p.

PENTEADO, A. R. *Problemas da colonização e de Uso da Terra na Região Bragantina do Estado do Pará*, Belém, Gráfica UFFa, 1977. Coleção Amazônia, (Série José Verissimo)

PILLOT, Didier. *Paysans, Systèmes et crise*. Travaux sur l'agrire haïtien. Groupe de Recherche/Formation S.A.C.A.D. Systèmes Agraires Caribéens et Alternatives de développement. Université des Antilles et de la Guyane & FAMV Faculté d'Agronomie et de Médecine Vétérinaire Université d'Etat d'Haiti, Point-à-Pitre, 1993 (Tome 1, 380 p)

PLUCHON, Pierre. (Dir.) *Révolutions à l'Amérique*. In: PLUCHON, P. (Dir) *Histoire des Antilles et de la Guyane*, Toulouse, Editions Edouard Privat, 1982. 476 p

ROOSEVELT, Anna. *Arqueologia Amazônica*. In CUNHA, Manoela Correia da (Org.) *História dos Índios no Brasil*: São Paulo, Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992 (p 53-87)

SCHNAKENBOURG, Christian. *La crise du système esclavagiste 1835-1847. Histoire de l'industrie sucrière en Guadeloupe (XIXe-XXe siècles)* Paris, Edition L'Harmattan, 1980. 250 p.

XIMENES, Tereza. *Mutirão: Campo e Cidade*. São Paulo, 1985 (Tese de doutorado)

OBS.: A responsabilidade da revisão deste texto pertence às autoras do mesmo.

